

## Na arena com Hemingway

Leonardo Costaneto

Recostado preguiçosamente na poltrona do estúdio onde passo minhas temporadas em Buenos Aires, abandono, por um instante, *O verão perigoso* no qual Ernest Hemingway rememora sua epopeia rumo a Sevilha. O escritor se dirigia para aquela cidade para assistir, não apenas ao combate entre homem e animal na arena, mas, sobretudo, o duelo mortal entre Antonio Ordóñez e seu cunhado Luis Miguel Dominguín. As duas lendas vivas, para os apaixonados pela tauromaquia, digladiavam a cada espetáculo, até que somente um deles reinasse, soberano, em Espanha.

Chove, o aquecimento faz embaçar a vidraça que descortina a tarde fria matizada em tons grises, tal qual a barba do “Papa” na foto estampada na orelha do livro. Estico a mão, alcanço a taça de bellini que repousa sobre a mesa de trabalho. Sorvo a festa espumosa que baila sobre minhas papilas, *picadas* etílicas que me convidam ao torpor da arena. Fecho os olhos, deixo-me levar pelo *pase* que as páginas esvoaçantes me impingem.

Tento retornar a mim e de súbito, já não estou no lugar em que me encontrava momentos antes, mas na Plaza de Toros, na primeira fila de assentos logo após o *callejón*, a uma distância mínima que separa o público da arena que pulsa escarlate, pintura tremendamente real. Ali, homem e besta são uma coisa só, num balé que terminará na morte de um ou de outro. Ao meu lado, fascinado e atento, Papa Hemingway toma notas mentais, analisa cada movimento de Ordóñez, destemidamente belo e magistral, senhor de si ainda que tomado por um devastador impulso de morte. *Verónicas e faenas*. Sobe das patas e das pernas arqueadas, a poeira dourada que embaça ainda mais as vistas. Logo, as estocadas dos *picadores* apontam para o último ato, quando, mirando o touro, máquina forjada com a violência de mais de 600 kg, armado com músculos e chifres, Ordoñez, por sobre a testa do animal, mirará a espada que, cravando-se até a

base do punho no dorso negro encharcado de suor, submeterá a fera até que ela caia de joelhos aos seus pés, levando todos ao delírio.

Continua a chover lá fora, o vento fustiga a vidraça e entra por uma fresta, fazendo tremer as cortinas. Arfo aqui dentro, os nervos distendidos, extasiado.